

W
E
L
L
N
E
S
S

AMONSTR

**W
E
L
L
L
M
E
S
S**

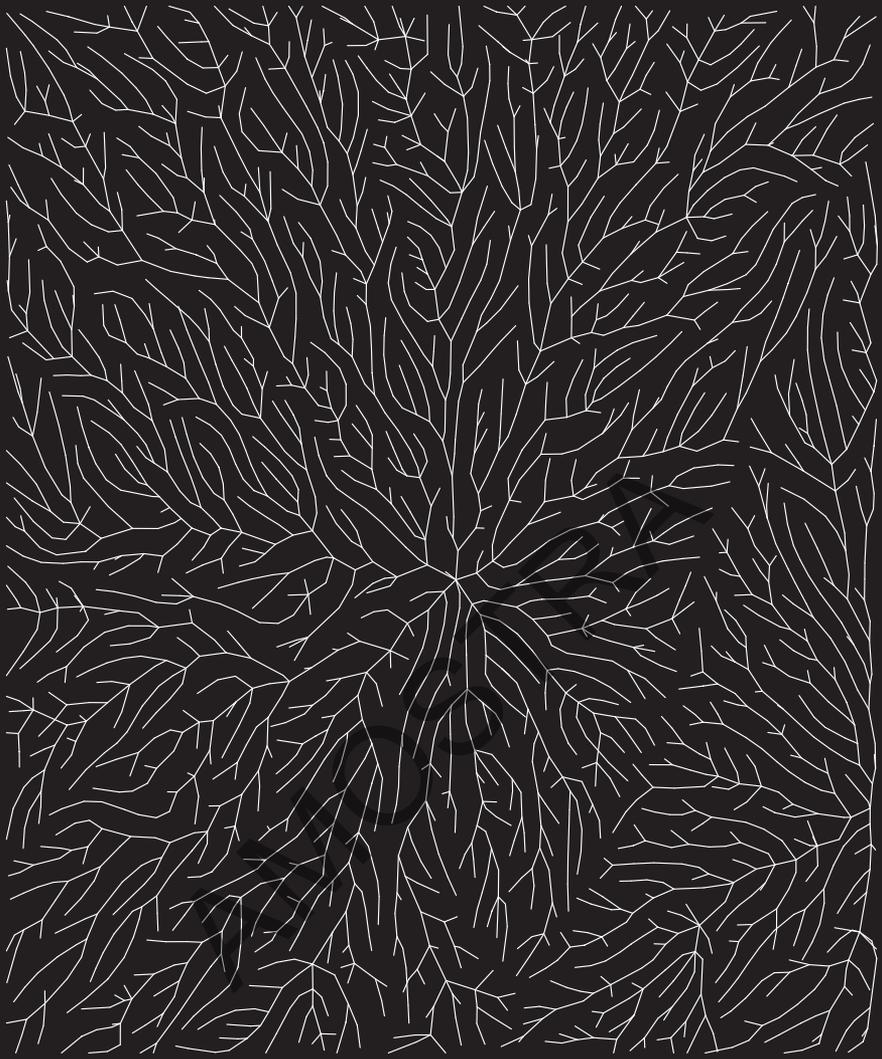
**UM ROMANCE
COM UM
OLHAR SAGAZ E
PUNGENTE SOBRE
O CASAMENTO
MODERNO E A
BUSCA POR SAÚDE
E FELICIDADE**

NATHAN HILL

TORDESILHAS

Para meus pais

AMOSTRA



SUMÁRIO

1.	Vem Junto	2
2.	Suíte Dupla	32
3.	A Energia de um Novo Relacionamento	88
4.	A Revelação	116
5.	A Falha no Desenvolvimento	142
6.	A Casa de Pelo Menos Quatorze Frontões	170
7.	Wellness	186
8.	Histórias de Origem	224
9.	O Efeito de Sentido	282
10.	O Casamento Placebo	316
11.	Os Usuários Carentes	342
	<1>. O Algoritmo EdgeRank	343
	<2>. O Algoritmo do Usuário Carente	346
	<3>. O Algoritmo de Reconhecimento de Padrões	349
	<4>. O Algoritmo PageRank	353
	<5>. A Rede Neural Artificial do Deep Learning	358
	<6>. O Algoritmo da Interação na Tela	362
	<7>. O Chatbot	367
12.	O Milagre	374
13.	A Essência Humana Perambula Como um Rato	410

UMA NOTA SOBRE O AUTOR

O romance de estreia e best-seller de Nathan Hill, *Nix*, foi eleito o melhor livro de 2016 pela *Entertainment Weekly* e um dos melhores do ano pelo *The New York Times*, *The Washington Post*, pela NPR e pela revista *Slate*, entre outros. Ganhou o Art Seidenbaum Award na categoria Primeira Ficção do *Los Angeles Times* e foi publicado em países do mundo inteiro em mais de 24 idiomas. Nascido em Iowa, Nathan Hill vive com a esposa em Naples, na Flórida.

AMOSTRA

#GRATIDÃO

Obrigado, Reagan Arthur, por confiar neste livro e pelo cuidado com que o lançou ao redor do mundo. Quero agradecer também a Gabrielle Brooks, Isabel Yao Meyers, Emily Murphy, Edward Allen, Zachary Lutz, John Vorhees, Oliver Munday e a toda a equipe maravilhosa da Knopf.

Obrigado, Emily Forland, não só por ser uma agente incrível, mas também uma parceira de trabalho bastante criativa e amiga. Agradeço, ainda, a Marianne Merola, Henry Thayer, Gail Hochman, John Spano e aos demais membros de minha família na Brandt & Hochman.

Quero agradecer aos leitores generosos que leram os primeiros rascunhos e deram conselhos valiosos: Peter Geye, Mark Abrams, Patrick Thomas e Jessica Flint.

Quero agradecer aos meus editores, agentes, às editoras e aos tradutores internacionais pelo trabalho inspirador de levar este livro a leitores do mundo inteiro.

Obrigado, Tim O’Connell, seu apoio e amizade significam muito para mim. Obrigado, Michelle Weiner, por seu entusiasmo e incentivo incansáveis. Obrigado, Javier Ramirez, pelo interessante passeio pelo Wicker Park dos anos 1990.

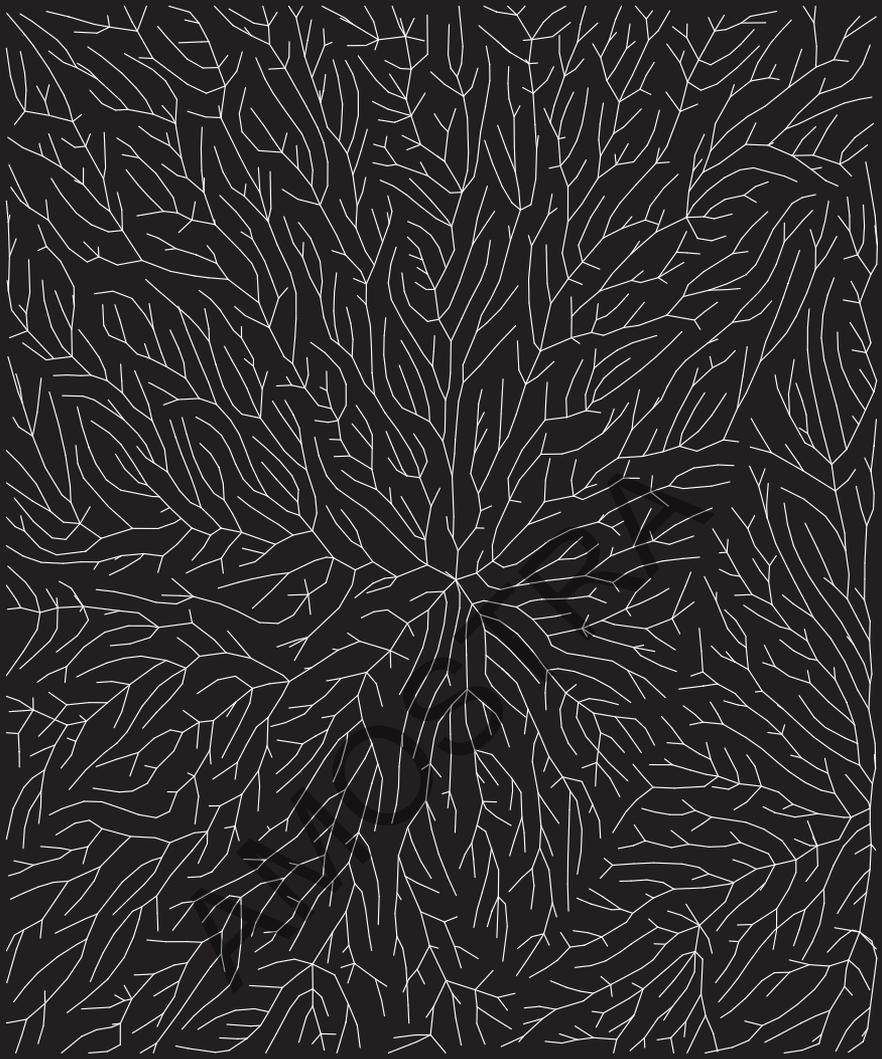
Agradeço ao Den Creek Ranch, em Flint Hills, pela hospitalidade.

Aos meus pais, por serem muito melhores e mais acolhedores do que os pais de meus romances. Obrigado, amo vocês.

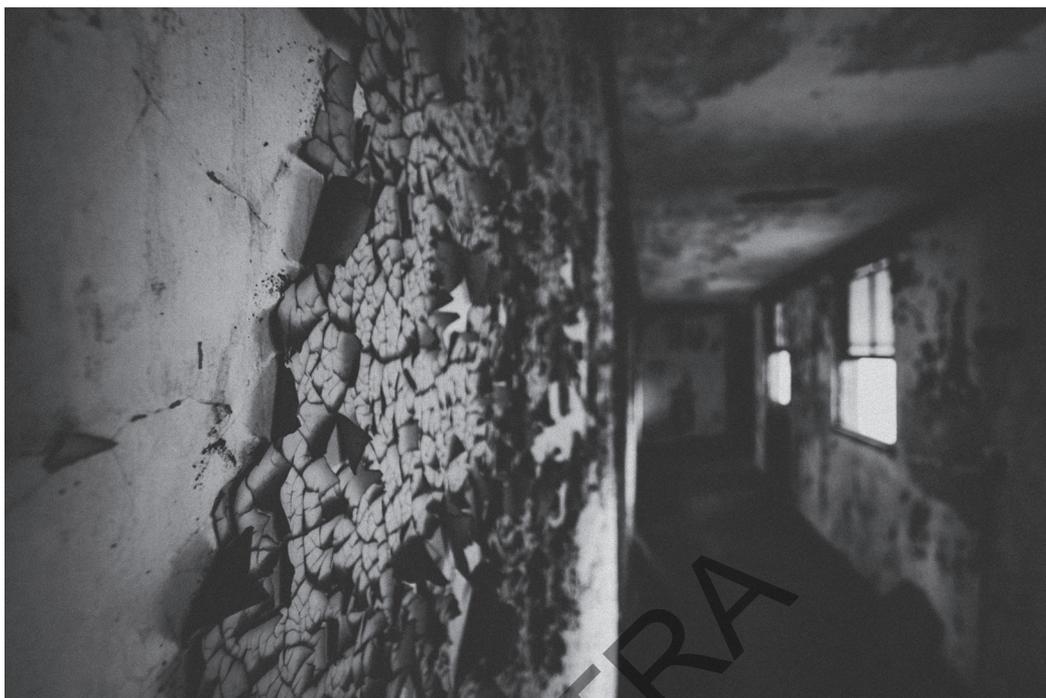
Agradeço à minha esposa, Jenni Groyon, que tinha certeza de que os leitores deste livro presumiriam que era sobre *nosso* casamento que eu estava falando e que, mesmo assim, me incentivou. Muito obrigado, seu amor é o maior presente em minha vida.

Por fim, agradeço a todos os pais e mães que me ensinaram muito sobre o que é ser pai — tanto nos momentos bons quanto nos ruins — e que compartilharam histórias, sentimentos e, algumas vezes, até seus lares. Obrigado, Jen e JT, Anne Marie e Patrick, Aaron e Jessica (um agradecimento especial a Jess por me inspirar a escrever o capítulo “A Revelação”), Marc e Marlena, Chris e Shawna, Kelley e Sam, Erica e Matt, Naomi e Ted, Anne e Chris, Eric e Melissa, Michael e Valerie.

Em especial Valerie... obrigado. Sentimos muito a sua falta.



VEM JUNTO



ELE MORA SOZINHO no quarto andar de um antigo edifício de tijolos sem vista para o céu. Quando olha pela janela, tudo o que vê é a janela dela — do outro lado do beco, a um braço de distância, onde ela mora sozinha no quarto andar de seu próprio edifício antigo. Eles não sabem os nomes um do outro. Nunca conversaram. É inverno em Chicago.

A luz é escassa no estreito beco entre eles, e os pingos de chuva quase não caem ali também, nem a neve, o granizo, a neblina ou aquele ar úmido e cortante de janeiro que os moradores locais chamam de “mix invernal”. O beco é escuro e silencioso e não sofre nenhuma interferência climática. Parece não ter atmosfera alguma, é um buraco inserido na cidade com o único propósito de separar duas coisas, como o espaço.

A primeira vez em que ele a viu foi na véspera do Natal. Ele tinha ido para a cama cedo naquela noite, sentindo pena de si mesmo — a única pessoa no edifício barulhento que não tinha outro lugar para estar —, quando uma luz se acendeu do outro lado do beco, um pequeno brilho quente iluminando a usual escuridão da vista de sua janela. Ele se levantou e foi espiar. Lá estava ela, um turbilhão de movimentos entre arrumar e desarrumar coisas, tirar pequenos vestidos coloridos de duas grandes malas combinando uma com a outra. A janela dela estava tão perto da dele, e *ela* estava tão perto dele — seus apartamentos separados pela distância de um único salto ousado — que ele recuou alguns passos para mergulhar mais completamente em sua escuridão. Ele se agachou e ficou olhando por um tempo, até que isso se tornou impróprio e indecente e, então, voltou conformado para a cama. Nas semanas seguintes, porém, ele continuou visitando aquela janela com

mais frequência do que gostaria de admitir. De vez em quando, ele fica ali sentado, escondido, observando-a por alguns minutos.

Dizer que ele a acha bonita é simplista demais. É claro que ele a acha bonita — de maneira *óbvia*, objetiva e comum. Até o jeito de ela andar — como se flutuasse, um salto alegre e jovial — o deixa absolutamente encantado. Ela desliza pelo chão do apartamento usando meias grossas, dando um giro improvisado de vez em quando, com a saia do vestido esvoaçando levemente em torno dela. Nesse lugar monótono e sujo, ela prefere vestidos — vestidinhos floridos e alegres, que não combinam com a sujeira do bairro e o frio do inverno. As pernas se acomodam debaixo deles quando ela se senta na poltrona de veludo macio perto de algumas velas acesas, o rosto indiferente e sereno, com um livro em uma das mãos e passando levemente os dedos da outra na borda de uma taça de vinho. Enquanto a observa tocar a taça, ele se pergunta como um gesto tão pequeno com a ponta do dedo pode inspirar um tormento tão grande.

O apartamento dela é decorado com cartões postais de lugares que ele supõe que ela tenha visitado — Paris, Veneza, Barcelona, Roma —, além de pôsteres de arte emoldurados que ele supõe que ela tenha visto pessoalmente: a estátua de Davi, a *Pietà*, *A Última Ceia*, *Guernica*. Os gostos dela são variados e intimidadores; ele, ao contrário, sequer conhece o mar.

Ela lê excessivamente, a qualquer hora do dia, acendendo a lâmpada amarela da cabeceira às duas da manhã para folhear livros enormes e pesados — de biologia, neurologia, psicologia, microeconomia — ou peças teatrais diferentes, coleções de poesia, histórias detalhadas sobre guerras e impérios, revistas científicas cujos nomes são indecifráveis e cujas encadernações são de um tom cinza-claro. Ela ouviu música que ele supõe que seja clássica, pela maneira como balança a cabeça. Ele se esforça para identificar as capas dos livros e dos álbuns para, no dia seguinte, correr até a biblioteca pública e ler todos os autores que a despertam e tiram o sono, bem como ouvir todas as sinfonias que ela parece repetir: *Haffner*, *Eroica*, *New World*, *Unfinished*, *Fantastique*. Ele imagina que, se algum dia eles conversarem, ele falará um pouco sobre a *Symphonie Fantastique* e ela ficará impressionada e se apaixonará por ele.

Isso se eles se falarem de fato.

Ela é exatamente o tipo de pessoa — culta e cosmopolita — que ele foi procurar naquela cidade assustadoramente grande. Agora ele percebe que a falha evidente no plano é que uma mulher tão culta e cosmopolita jamais se interessaria por um cara tão ignorante, provinciano, retrógrado e tosco como ele.

Ele a viu receber um convidado uma única vez. Um homem. Ela passou muitíssimo tempo no banheiro antes de ele chegar e experimentou seis vestidos, acabando por escolher o mais justo — um roxo. Prendeu o cabelo para trás. Fez maquiagem,

tirou e refez tudo outra vez. Tomou dois banhos. Parecia outra pessoa. O homem chegou com um pack de seis cervejas e eles passaram o que pareceram ser duas horas constrangedoras e nada interessantes juntos. Depois ele foi embora com um aperto de mão. E nunca mais voltou.

Após esse episódio, ela vestiu uma camiseta velha e esfarrapada e ficou sentada a noite toda comendo cereais frios em um acesso de indolência interior. Não chorou. Só ficou ali sentada.

Ele a observou, do outro lado do beco sem oxigênio, imaginando que, naquele momento, ela estava *linda*, apesar de essa palavra parecer estranha demais para descrever a situação. Para ele, a beleza tem duas facetas, uma pública e outra privada, o que dificulta que uma não anule a outra. Ele escreveu um bilhete para ela no verso de um cartão postal de Chicago: *Comigo, você nunca precisaria fingir*. Em seguida, jogou fora e escreveu outro: *Você nunca precisaria tentar ser outra pessoa*. Porém não os enviou. Ele nunca os envia.

Às vezes, o apartamento dela fica escuro, e ele passa a noite — uma noite comum e reclusa — se perguntando onde ela poderia estar.

É nesse momento que ela o está observando.

Ela se senta perto da janela na escuridão, sem que ele a veja.

Ela o estuda, observa, repara na quietude, na tranquilidade, na maneira admirável como ele se senta de pernas cruzadas na cama e, persistentemente, lê durante horas. Ele está sempre sozinho em sua cama. O apartamento dele — um pequeno caixote vazio com paredes brancas sem enfeites, uma estante feita de blocos de concreto e um futon jogado no chão — não é um lar em que se espera visitas. Ao que parece, a solidão o mantém preso feito uma botoeira.

Dizer que ela o acha bonito é simplista demais. Na verdade, ela o acha bonito — com um cavanhaque preto escondendo um rosto delicado e infantil, suéteres grandes disfarçando um corpo franzino. Já faz alguns anos que ele não corta o cabelo, que agora cai em mechas oleosas sobre seus olhos até o queixo. Seu estilo é apocalíptico: camisetas pretas surradas, coturnos pretos e jeans escuros todos rasgados. Ela não viu nenhum indício de que ele tivesse uma única gravata.

Às vezes, ele para diante do espelho sem camisa, pálido, em sinal de reprovação. Ele é tão *franzino* — baixo, anêmico e esquelético feito um viciado em drogas. Vive de cigarros e uma refeição esporádica — em geral, embalada em plástico e pronta para ir ao micro-ondas ou, por vezes, em pó e reidratada em algo minimamente comestível. Testemunhar isso faz com que ela sinta o mesmo que sente ao ver pombos rebeldes pousarem sobre as linhas eletrificadas e mortais do sistema ferroviário.

Ele precisa de um pouco de vegetais na vida dele.

Potássio e ferro. Fibra e frutose. Grãos de textura densa e sucos de cores variadas. Todos os elementos e elixires para levar uma vida saudável. Ela quer embrulhar um abacaxi com um laço de fita e enviá-lo com um bilhete. Uma fruta nova toda semana. Ela escreveria: *Não faça isso com você.*

Durante quase um mês, ela observou as tatuagens se espalharem como hera pelas costas dele, conectando-se em uma explosão de padrões e cores que seguem para os braços esguios, e pensou: *eu aceitaria conviver com isso.* Aliás, há algo reconfortante em uma tatuagem marcante, principalmente uma que fica visível mesmo com uma camisa de trabalho com colarinho. Na opinião dela, isso demonstra uma personalidade confiante, de alguém que é firme em suas convicções — alguém *com* convicções — ao contrário da crise interna diária que ela vive e da pergunta que a persegue desde que se mudou para Chicago: *Quem eu quero ser?* Ou melhor: *Qual dos meus múltiplos eus é o autêntico?* O cara com a tatuagem ousada parece indicar um novo caminho a seguir, um remédio contra a ansiedade da falta de coerência.

Ele é artista — isso é bastante óbvio, porque ele geralmente está misturando tintas, solventes, pigmentos e corantes, retirando papéis fotográficos de tanques químicos ou debruçado sobre uma mesa iluminada para examinar negativos de filmes com uma pequena lupa redonda. Ela se impressiona com o tempo que ele leva examinando cada fotografia. Ele é capaz de passar uma hora comparando apenas duas delas, analisando uma, depois a outra e, em seguida, a primeira mais uma vez, em busca da mais perfeita. Quando a encontra, faz um círculo em torno dela com um lápis vermelho, tira todos os outros negativos, e ela aplaude sua determinação: quando escolhe uma foto, uma tatuagem ou determinado estilo de vida boêmio, ele escolhe com devoção. É uma qualidade que ela — que não consegue se decidir nem sobre as coisas mais simples, como o que vestir, o que estudar, onde morar, quem amar, *o que fazer da vida* — tanto inveja quanto deseja. Esse cara tem a mente tranquila em função de um propósito grandioso; ela se sente como um grão de feijão pulando contra a casca que o envolve.

Ele é exatamente o tipo de pessoa — rebelde e apaixonado — que ela foi procurar naquela cidade tão distante. Agora ela percebe que a falha evidente no plano é que um homem tão rebelde e apaixonado jamais se interessaria por uma garota tão convencional, conformista, sem graça e burguesa como ela.

Portanto, eles não se falam, e as noites de inverno passam devagar, gélidas, com o gelo cobrindo os galhos das árvores como se fossem cracas. Durante toda a estação é a mesma coisa: quando a luz dele está apagada, ele a observa; quando a dela está apagada, ela o observa. Nas noites em que ela não está em casa, ele fica lá se sentindo abandonado, desesperado, talvez até um pouco patético, olha para a janela dela e sente como se o tempo estivesse passando, as oportunidades desaparecendo, como se estivesse perdendo uma corrida com a vida que gostaria de levar. E nas noites em que ele não está em casa, ela fica lá se sentindo abandonada, mais uma vez tão

cruelmente atingida pelo mundo, e observa a janela dele como se fosse um aquário, na esperança de ver algo maravilhoso emergindo da escuridão.

Então, lá estão eles, vagando na penumbra. Do lado de fora, a neve cai macia e silenciosa. Dentro de casa, eles estão sozinhos em seus pequenos apartamentos, um de cada lado do beco, em seus edifícios antigos em ruínas. As luzes de ambos estão apagadas. Ambos aguardam o retorno do outro. Sentados perto de suas respectivas janelas, eles esperam. Olham para o outro lado do beco, para os apartamentos escuros e, mesmo sem saber, estão olhando um para o outro.



OS EDIFÍCIOS ONDE eles moram nunca foram planejados para serem habitáveis. O dele, originalmente, era uma fábrica. O dela, um armazém. Os construtores dessas instalações não previram que haveria pessoas morando no local, portanto não permitiram uma vista para elas. Ambos foram construídos na década de 1890, deram bons lucros até a década de 1950, tendo sido abandonados na década de 1960 e, depois disso, permaneceram fechados. Até janeiro de 1993, quando, do nada, foram reaproveitados e revitalizados para uma nova finalidade — apartamentos baratos e espaço de estúdio para artistas famintos da cidade. E o trabalho de Jack é documentar isso.

Ele será como a memória do edifício, registrando a miséria antes da restauração. Logo as equipes de trabalhadores — *trabalhador*, nesse caso, é uma palavra empregada de maneira um tanto negligente para descrever poetas, pintores e músicos que fazem esse trabalho em troca de um aluguel reduzido — iniciarão a limpeza, o acabamento, a pintura e a necessária remoção dos entulhos para transformar o local em um lugar habitável. Portanto, lá está ele, nas áreas mais sujas e inacabadas da antiga fábrica, perambulando com uma câmera emprestada e registrando as ruínas.

Ele está no quinto andar, andando pelos longos corredores, e cada passo desperta uma névoa de pó e sujeira. Fotografa a sujeira e os restos de telhas, gesso e tijolos caídos no chão. Fotografa os traços de grafite bem traçados. Fotografa as janelas quebradas, as cortinas velhas e rasgadas. Ele está preocupado com a possibilidade de tropeçar em algum invasor que está dormindo e pensa se, nessa situação, o melhor é ficar quieto ou fazer barulho. Se ficar quieto, pode evitar um confronto. Mas, se fizer barulho, o invasor pode acordar e sair correndo.

Ele para quando algo chama sua atenção: a luz do sol em uma parede, iluminando a pintura antiga de uma parede que está descascando devagar, enrugada, com milhares de pequenas fissuras e rachaduras. Passados cem anos de sua aplicação, a tinta está começando a descascar, e a textura o faz lembrar da superfície craquelada dos retratos antigos dos mestres holandeses. Também o lembra, de modo mais

prosaico, do pequeno lago nas terras de seu pai, que secava durante os verões áridos, expondo a lama úmida por baixo dele, a qual endurecia sob o sol e rachava em pequenos e irregulares fragmentos de terra. A tinta ali em cima se parece com isso, com terra rachada, e ele a registra de perfil, a fim de direcionar o olhar do observador para suas bordas profundas e esfoliadas — não é uma fotografia *de* algo, mas *sobre* algo: idade, mudança, transformação.

Ele segue em frente. Resolve fazer barulho, pois não tem certeza se consegue passar despercebido com aquelas botas — cujo solado é duro e reforçado com metal —, adquiridas a um preço baixo na loja de artigos militares e marítimos, algo necessário por causa dos pregos que se projetam do chão e dos vidros quebrados, um indício de uma noite agitada que envolveu garrafas de cerveja quebradas. Ele acha que deveria estar usando uma máscara de proteção, por causa da poeira no ar, do pó e da sujeira e, provavelmente, do mofo, do bolor, do chumbo tóxico e dos micro-organismos prejudiciais à saúde, uma nuvem de partículas estática e nebulosa que transforma a luz do sol que entra pelas janelas em faixas brilhantes — as quais, na fotografia panorâmica, poderiam ser denominadas raios divinos, mas que são muito mais blasfêmias nesse caso. Talvez raios de sujeira.

E ainda tem as agulhas. Ele encontra muitas delas, amontoadas metodicamente em pequenas pilhas em um canto escuro nos fundos, obstinadamente agrupadas e esvaziadas, exceto por um pouco de um resíduo escuro na ponta, e as fotografa com a profundidade de plano mais reduzida que essa lente é capaz de alcançar, de modo que a imagem fica quase totalmente desfocada, o que ele acredita ser uma maneira inteligente de despertar o sentimento da pobre alma que esteve ali um dia, desejando aquela agulha. A heroína inspira uma estranha relação de amor e ódio na vizinhança — as pessoas reclamam um pouco dos medicamentos hipodérmicos encontrados no parque e dos edifícios abandonados no final da rua, famosos por serem locais propícios para tiroteios, pela quantidade de drogados que há no local. E mesmo assim? Entre os artistas que moram no edifício em que ele vive e que de vez em quando reclamam do consumo de heroína, a maioria deles também parece fazer isso. E com frequência. A mesma aparência magra, os cabelos ralos, as olheiras e a palidez de um usuário de drogas. Foi assim que ele acabou indo morar ali; o proprietário o conheceu em sua primeira exposição em uma galeria e perguntou:

- Você é Jack Baker?
- Sou — respondeu ele.
- O fotógrafo?
- Eu mesmo.

Era uma exposição de outono na School of the Art Institute of Chicago (SAIC). A exposição era composta por peças criadas pelos alunos que estavam entrando no curso de arte em ateliê e, entre as cerca de duas dúzias de calouros, Jack era o único

cujo trabalho consistia principalmente em fotografias de paisagens. Os outros eram pintores expressionistas de talento exorbitante, escultores cujas obras eram elaboradas a partir de objetos variados, artistas que faziam videoarte, com instalações feitas de televisores e videocassetes complexamente interconectados.

Enquanto isso, Jack usava uma câmera Polaroid.

Para tirar fotos de árvores.

Árvores das pradarias de sua cidade natal, crescendo de acordo com a influência do clima da região: inclinadas, com os troncos sendo empurrados para os lados pela força do vento.

Nove dessas fotografias instantâneas estavam fixadas em uma grade de um por um metro na parede branca da galeria, e Jack estava por perto esperando que alguém se interessasse por sua arte — o que ninguém fez. Dezenas de colecionadores bem-vestidos haviam passado por ele quando esse homem pálido com um suéter branco maltrapilho e uma botina sem cadarços se apresentou. Seu nome era Benjamin Quince; ele era estudante de pós-graduação, mestrando em estudos de novas mídias, atualmente em seu sétimo ano no programa, elaborando sua tese, o que, para um calouro como Jack, parecia um patamar incomensurável de realização acadêmica. Benjamin foi literalmente a primeira pessoa que fez uma pergunta a Jack, e a pergunta foi:

— Então, árvores?

— Do lugar de onde venho, o vento sopra forte — disse Jack. — Isso faz com que as árvores cresçam tortas.

— Entendi — disse Benjamin, semicerrando os olhos por trás dos óculos grandes e redondos e passando a mão no queixo coberto de pelos. O suéter de lã estava comprido para ele, com furos e manchas. O cabelo fino e sujo era castanho e de um comprimento tal que exigia o tempo todo ser ajeitado atrás da orelha. Ele continuou:

— E de onde você é?

— Do Kansas — respondeu Jack.

— Ah — disse ele, balançando a cabeça, como se isso confirmasse algo importante. — O coração do país.

— Sim.

— O celeiro da América do Norte.

— Isso mesmo.

— Kansas. Isso é milho ou trigo? Não estou conseguindo visualizar.

— Você conhece a música “Home on the Range”?

— É claro.

— É basicamente sobre o lugar de onde vim.